

Natália Correia

D. JOÃO E JULIETA

Prefácio de
Armando Nascimento Rosa

Sociedade Portuguesa de Autores
Publicações Dom Quixote

NATÁLIA CORREIA

ULFLON 00016



D. JOÃO E JULIETA

Peça em 3 actos

Prefácio de Armando Nascimento Rosa

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES/PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE
LISBOA

1999

Biblioteca Nacional — Catalogação na Publicação

Correia, Natália

D. João e Julieta

(Autores de língua portuguesa)

ISBN 972-20-1441-2

CDU 821.134.3-2“19”



Publicações Dom Quixote

Av. Cintura do Porto de Lisboa
Urbanização da Matinha, Lote A, 2.º-C
1900 Lisboa

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 1999, Sociedade Portuguesa de Autores

Imagem da capa: Teatro da Comuna

Revisão tipográfica: Álvaro Marques

1.ª edição: Setembro de 1999

Depósito legal n.º 141 798/99

Fotocomposição: Mariano

Impressão e acabamento: Gráfica Manuel Barbosa & Filhos

ISBN: 972-20-1441-2

Versão cénica e dramaturgia — João Mota
Assistente de Encenação — Cristina Cavalinhos
Cenografia — José Manuel Castanheira
Assistentes de Cenografia — Susana Pereira, Nuno Costa e Humberto Dias
Figurinos — Carlos Paulo
Coreografia — José Luís Vieira
Desenho de luz — Paulo Graça
Música e direcção musical — José Pedro Caiado
Máscaras — Cecília de Sousa
Fantoches — Cecília de Sousa e Renato Godinho

D. JOÃO E JULIETA

PERSONAGENS

JULIETA

RITA

MARIA LUÍSA

D. JOÃO

DANIEL

EDMUNDO

JOVEM LOIRO

JANICO

MASCARADAS

MASCARADOS

CRIADO

ENFERMEIROS

CENÁRIO

Sala de estar numa casa não necessariamente solarenga mas onde o «tempo» tem a presença suficiente para lhe dar a inconfundível «alma» das paredes que encerram mistérios. Não é difícil concluir que o habitante daquela casa é uma pessoa bizarra e *blasé*. Na parede do fundo um fogão de sala ladeado por uma janela e uma porta envidraçada que dão para um terraço. Há quadros de pintura abstracta nas paredes. De fora, vem um suave rumor de ondas. Todo o conflito se desenrola neste cenário. Há uma densidade na atmosfera desta sala sugerida por luzes e outros detalhes, que acompanha o desenrolar dos acontecimentos.

1.ª CENA DO I ACTO

JANICO (*Primo de D. João, a imagem da frivolidade voluntária com a consciência de ter uma personalidade inconfundível*)

JOVEM LOIRO (*Efeminado, snob, wildeano*)

UM CRIADO SERVINDO BEBIDAS

JANICO: A partir das seis horas não sei raciocinar às escuras... Preciso de um «drink» para marcar «rendez-vous» com a minha personalidade... V. acompanha-me num whisky?

JOVEM LOIRO: Nem pensar nisso... O alcoolismo é um vício. As pessoas que se embriagam perdem automaticamente a dignidade física.

JANICO: Mas existe a compensação de uma euforia íntima.

JOVEM LOIRO: As pessoas alegres são deselegantes. A alegria é uma ameaça à unidade do belo. Quer V. coisa mais odiosa do que uma paisagem primaveril? Policromia ingénua... Fadiga do berante e sinfonia histórica de pássaros estúpidos.

JANICO: O aprumo físico é para si um ponto assente de personalidade.

JOVEM LOIRO: Sem dúvida. A lei estética é inexorável. Note que começo por aplicá-la a mim mesmo.

JANICO: Isso pode conduzi-lo a um extremo de egolatria.

JOVEM LOIRO: Não estou de acordo. Amando-me eu valorizo automaticamente as minhas qualidades de seleccionador.

JANICO: Seleccionador de quê?

JOVEM LOIRO: Daquilo que está à minha altura, abaixo de mim ou acima de mim.

JANICO: Por exemplo?

JOVEM LOIRO: O meu amor por mim só pára quando esbarra no que me é superior.

JANICO: É pitorescamente confuso.

JOVEM LOIRO: É claríssimo... Claríssimo, meu amigo. Eu represento um certo tipo de nobreza humana que fixa simultaneamente um ponto de referência de contrastes. Abaixo de mim os outros, a praga, a epidemia. Acima de mim o acontecimento, o divino. E quando o divino surge, a diferença que existe entre mim e o rebanho é que este passa junto do divino sem o distinguir das ervas purgativas e eu sagro-o na minha humilde grandeza do reconhecimento de um Deus.

JANICO: E chegou alguma vez a encontrar... o divino?

JOVEM LOIRO: Cheguei... Era cruel... Tinha a crueldade da posse estática... A vontade que se não desloca para possuir...

JANICO: Um monstro?

JOVEM LOIRO: Não... Um Deus que às vezes se disfarçava de homem... Naquele Inverno disse-me em Paris que cinquenta por cento das pessoas que se suicidaram no Sena o tinham feito por causa dele. Claro que era um exagero. Mas até esse exagero nos dá a medida do prestígio da sua sedução.

JANICO: Essa história não me é estranha. Agora sei a quem V. se refere.

JOVEM LOIRO: Evidente. Veja o que separa esse homem da restante humanidade. Se alguém se lembrar de contar qualquer coisa de fantástico a nosso respeito ninguém acredita. Mas já viu alguém duvidar do relato fabuloso dos cometimentos do João? Ele tem a verdadeira essência dum protagonista do fantástico.

JANICO: E V. considera isso uma virtude?

JOVEM LOIRO: De todas as virtudes a mais alta. É a potencialidade do divino que faz desencadear nos homens o sentimento da própria inferioridade. É deste choque que nasce a faísca do mito. A má-língua e a crítica é a consagração — o templo.

(Entram Maria Luísa Sarmento e Edmundo Sarmento)

MARIA LUÍSA *(Quarenta e tal anos. Defende com coquetismo sóbrio os vestígios duma espaventosa beleza. Os gestos nervosos parecem desenhar um duelo com sombras invisíveis)*

ERRATA

(prefácio)

na p. 10, antepenúltima linha do 2.º parágrafo, onde se lê *sobertos*,
leia-se: soberbos

na p. 14, 6.ª linha, onde se lê *represantação*, leia-se: representação

na p. 16, antepenúltima linha do 1.º parágrafo, onde se lê *integridade*,
leia-se integralidade

idem, 2.º parágrafo, 5.ª linha, onde se lê *o espaço*, leia-se: um espaço

na p. 25, final do 2.º período do 3.º parágrafo, onde se lê *bibliográfico*,
leia-se: biobibliográfico

na p. 26, 2.ª linha da nota 6, onde se lê *1995*, leia-se: 1955

idem, último verso da estrofe citada, onde se lê *nas*, leia-se: das

(texto da peça)

na p. 36, penúltima fala, 4.ª linha, onde se lê *antecedentes*, leia-se:
antecedentes

na p. 40, 2.ª fala, penúltima linha, onde se lê *Gaugins*, leia-se:
Gauguins

na p. 41, 2.ª linha, onde se lê *aos que*, leia-se: os que

idem, 3.ª fala, 2.ª linha, onde se lê *isto*, leia-se: Isto

na p. 51, 3.ª linha, onde se lê *das tuas (...)*, leia-se: das tuas angústias
psíquicas

idem, 4.ª fala, 3.ª linha, onde se lê *Arrostras*, leia-se: Arrotas

idem, 4.ª fala, 9.ª linha, onde se lê *frustado*, leia-se: frustrado

na p. 57, 4.ª fala, 5.ª linha, onde se lê *desepero*, leia-se: desespero

na p. 59, 4.ª fala, 3.ª linha, onde se lê *inutilidade*, leia-se: inutilidade

na p. 61, 7.^a fala, antepenúltima linha, onde se lê «*charo*», leia-se: «chato»

na p. 62, 2.^a didascália, 4.^a linha, onde se lê *expressão*, leia-se: expressão

na p. 65, 2.^a fala, onde se lê *o (...) charme*, leia-se: o seu charme
idem, 7.^a fala, 1.^a linha, onde se lê *frustadas*, leia-se: frustradas

na p. 67, 2.^a fala, 3.^a linha, onde se lê *ajeitados*, leia-se: aleijados
idem, 6.^a fala, onde se lê *felicidada*, leia-se: felicidade

na p. 70, indicação cénica da 7.^a fala, onde se lê *interpreta-a*, leia-se: interpela-a

na p. 79, última fala, 2.^a linha, onde se lê *porque*, leia-se: por que

na p. 96, linha anterior à indicação cénica, onde se lê *por tu*, leia-se: porque tu

na p. 98, última linha, onde se lê *mérito*, leia-se: mérito

na p. 104, 2.^a linha, onde se lê *liga o mundo*, leia-se: liga ao mundo
idem, 3.^a linha, onde se lê *um benção*, leia-se: uma benção

